

### ≡ NE ZHDALI & THE BILLY TIPTON MEMORIAL SAXPHONE QUARTET

**Pollo D'oro** Uma pequena banda-desenhada conta-nos no livreto deste disco a história do produtivo encontro na Estónia entre o grupo Ne Zhdali (liderado pelo irreverente guitarrista Leonid Soybelman) e as quatro saxofonistas do The Billy Tipton Memorial Saxophone Quartet (ouçam-nas em *Saxhouse*, da Knitting Factory Works). Se falássemos apenas do que distingue a música dos Ne Zhdali deveríamos evocar a sua intensidade, excesso, desorganização e anarquismo. O que nem sempre se ajusta à forma como ela resulta, porque quer a desorganização, quer o anarquismo significam, aqui, liberdade e contestação dos valores dados como definitivamente assumidos. O quarteto de Seattle prova por seu lado que a capacidade feminina para igualar os homens no domínio dos saxofones pode ser uma inquestionável realidade, tanto mais quando a incessante procura de valores criativos tem entre si figuras tão carismáticas como Amy Denio e Jessica Lurie. (CD No Man's Land)

≡ **DIDIER PETIT** *Nohc* Será este disco um avançado produto alquímico da nova música? Pelo menos o seu intrigante título (em que "n" está para nitrogénio, "o" para oxigénio, "h" para hidrogénio e "c" para carbono) leva-nos a colocar essa questão essencial. Sob a liderança do violoncelista Didier Petit (que é também o produtivo patrono da In Situ) intervêm na experiência o violinista Michael Nick, o clarinetista Denis Colin e o saxofonista Daunik Lazro. E é curioso que os ingredientes alquímicos utilizados para produzir esta poção mágica são provenientes de dois universos normalmente entendidos como antagónicos: a improvisação derivada do free jazz e a composição pós-serialista vinda da escola clássica. Se daqui se pressupõem resultados bizarros, é facto que os quatro alquimistas desvendaram o segredo da sua conjugação. (CD In Situ)

≡ **TERRY RILEY** *Keyboard Studies* Verifica-se, com as reedições das obras esquecidas de Tony Conrad e Terry Riley, que uma nova geração de ouvintes (geralmente gente muito jovem) se vira agora para o minimalismo. Por isso se justifica rerepresentar este trabalho sessentista e pioneiro, numa interpretação conjunta dos dois pianistas do Groupe d'Etude et Réalisation Musicales. Também conhecido por *The Untitled Organ*, o *Keyboard Study No. 2* (de 24 minutos) é interpretado neste disco por Gérard Frémy e Martine Joste, que improvisam combinações de quinze figuras modais, em progressão rítmica cada vez mais acentuada e acelerada. No entanto, é curioso saber-se que Riley considerava os seus *Keyboard Studies* como meros exercícios de preparação para os longos concertos que dava. O disco é concluído pela peça de Pierre Mariétan *Initiative 1* (misturada com registos de *Systèmes*), numa interpretação electro-acústica dos nove elementos do GERM. E é este outro trabalho de 24 minutos e 40 segundos que quase justificaria, por mérito próprio, a edição deste disco. (CD Spalax)

≡ **TIBOR SZEMZŐ** *Relative Things* A música de *Relative Things* — *Selected Soundscapes (1994-1997)* foi seleccionada entre cerca de cinco horas de produção musical para filmes de diversos realizadores. Szemző já deixara bem claro nos precedentes álbuns *The Conscience* — *Narrative Chamber Pieces* e *Tractatus* (ambos editados pela Leo) a sua capacidade invulgar de construir majestosos monumentos sonoros a partir de (quase) nada. Isto é difícil de explicar... A música do compositor húngaro caracteriza-se pela simplicidade de meios, pela espiritualidade e por resultados de uma beleza assombrosa. Não se trata, neste caso, de construir castelos de areia mas, bem pelo contrário, de

fazer dos despojos (e pouco mais) algo com uma beleza quase celestial. Nada que se aproxime das correntes new age ou de qualquer outra fórmula cómoda tão ao agrado dos hippies que hoje estão bem na vida. Tudo é muito relativo na obra de Tibor Szemző, mas o disco *Relative Things* é mesmo para ser escutado com muita devoção, como aquela que nos ensinaram a dever aos criadores do Universo. (CD Leo)

≡ **TELECTU** *Leonardo Internet e Mimesis* A produção editorial dos Telectu não esmorece e, a prová-lo uma vez mais, encontram-se dois novos discos, ambos compilatórios: subintitulado *Live New York 1989 Mockba 1985*, *Leonardo Internet* reúne as gravações integrais dos álbuns *Live At The Knitting Factory, New York City* (Mundo da Canção, 1989), gravado durante uma instalação multimédia com António Palolo na famosa fábrica de sonhos de Leonardo Street, e *Telefone* (CDL, 1985), este gravado no XII Festival de Moscovo. Apesar de nada acrescentar ao conteúdo dos vinis originais, não será de menosprezar esta reedição unificadora. Já o cd *Mimesis* compila dois inéditos (*Minimal I e Minimal II*, gravados em estúdio em 1990), um retirado do álbum *Performance (Eno To La Monte*, gravado na IV Bienal de Cerveira com Manoel Barbosa em 1984 e editado pela Dargil), um de *Hailey (Coma*, gravado em estúdio em 1985 e editado pelo CNC/Altamira) e, a fechar, dois de *Digital Buiça (Laribau 1 e Laribau 2*, gravados em estúdio e editados em 1989 pela Tragic Figures). Já suficientemente distantes dos caminhos que hoje mais interessam aos Telectu, estas duas colecções são no entanto peças importantes que reúnem algum dos momentos mais inovadores da nova música portuguesa nos campos do minimalismo, experimentação, improvisação e multimédia. (ambos CD Strauss)

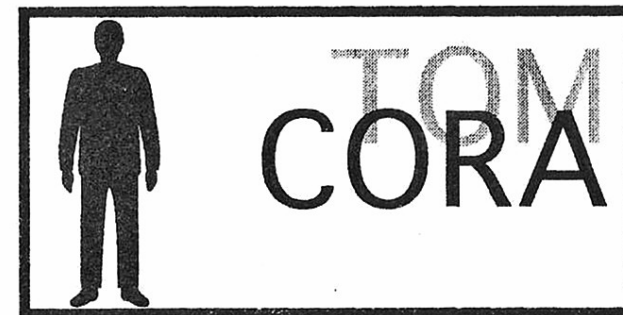
≡ **ROBERT WYATT** *Rock Bottom e Ruth Is Stranger Than Richard* Não se pode negar a inevitável importância de Robert Wyatt na música das últimas décadas. *Shleep* foi um dos melhores discos editados em 1997 (ponto final, parágrafo). *Rock Bottom* (com participações de Gary Windo e Fred Frith) data de 1974 mas poderia fazer um belo par com o álbum do passado ano: as canções têm um conteúdo profundamente poético e a música leva-nos sempre mais longe do que poderíamos esperar. O livreto é valorizado por um texto inédito de Wyatt e, também pela primeira vez, as letras são incluídas. A própria capa mudou (o que poderia ser negativo), em nossa opinião para melhor. *Ruth Is Stranger Than Richard* (originalmente do ano seguinte) traz consigo uma menor identidade criativa, ainda que parceiros como Fred Frith, Charlie Haden e Mongezi Feza valorizem o trabalho com algumas composições (como o clássico *Song For Che*). Vão seguir-se as reedições de *Nothing Can Stop Us*, *Old Rottenhat*, *Dondestan* e *The Animals Soundtrack*. Depois (talvez lá para o final do ano) poderá ainda concretizar-se o projecto de uma caixa com quatro discos que conterão raridades como *Biko*, *Shipbuilding* e *I'm A Believer*. Certamente aguardaremos com impaciência! (ambos CD Hannibal)

minimal · número 17 · Junho 1998

participaram neste número: Gonçalo Calheiros, Luís Freixo,  
Rui Eduardo Paes, Vítorino Almeida Ventura  
ouça-nos aos domingos das 23:00 à 01:00 em discos impedidos  
na rádio nova · porto 98.9 lisboa 96.6 mhz fm  
audEo · av. boavista, 1635-00 · 4100 porto · tel/fax (02) 609 72 39  
nipc 502867460 · cae 51190 · cs 420000\$ · crcp 49591

# minimal

folheto informativo sobre novidades audEo · No.17



TOM CORA tocava um violoncelo com 200 anos que tinha o som e o aspecto da sua idade; um som cheio, redondo e amadurecido que ainda maior justificação ganhava quando reparávamos nas muitas equimoses da madeira. Um violoncelo assim, com cordas penduradas que o músico esticava para obter timbres mais graves do que os possíveis num instrumento "normal", é quase um ser vivo. Curioso: agora que soube da morte do autor de *Gumption In Limbo*, vitimado por um melanoma que lhe entrou pelos poros para atingir os órgãos internos, não consigo deixar de pensar no violoncelo: o que vai ser dele? De uma coisa sei, pelo menos: não obstante a qualidade dos violoncelistas que se têm dedicado à improvisação (Frances-Marie Uitti, Ernst Reijseger, Didier Petit, Tristan Honsinger, Frederik Lonberg-Holm, para só nomear alguns, sem critérios de preferência), nenhum poderá fazer com esse violoncelo o que Cora conseguia com a maior das espontaneidades. E não, não pretendo com isto afirmar que era um génio. É antes uma questão de idiosincrasia: o estilo de Tom Cora era tão pessoal que não o poderemos substituir, por mais violoncelistas que as músicas improvisadas e experimentais venham a revelar. A música que tocava com esse violoncelo era a sua vida: nela estava representado o seu gosto pela cena Motown dos anos 60, o percurso pelo rock alternativo desde a década seguinte (foi co-fundador, com Fred Frith, dos lendários Skeleton Crew, colaborou com os Nimal e, mais recentemente, proporcionou um novo alento ao grupo punk-anarquista The Ex), a paixão pelo acto de improvisar e o interesse pelas melodias populares e tradicionais da Europa e do Médio-Oriente. Com tantas coordenadas, é natural que os burocratas da música tenham sentido grandes dificuldades quando o quiseram catalogar: como é possível, de resto, que um músico de rock tivesse tamanha propensão para os "vanguardismos" sonoros em que habitualmente o encontrámos, sem nunca ter refutado esse género musical caracterizado pela energia, o balanço e, não menos importante, a atitude? E atitude, entenda-se, de desprendimento, não de vedetismo... É verdade que também Fred Frith causou escândalo, mas esse pelo menos toca guitarra. Não surpreende que se tenha tomado uma figura de culto. Não seria muito provável que tal acontecesse com um violoncelista... Se os fãs do "rock in opposition" compreenderam mal os

abstraccionismos dos Roof, o seu derradeiro projecto com Phil Minton, Luc "Ex" e Michael Vatcher, ou a radicalidade do trio com Carlos Zingaro e Roger Turner ou Otoro Yoshihide, também é verdade que nas hostes da improvisação não o viam com bons olhos. Para todos os efeitos, Tom Cora sempre foi um músico "idiomático", isto é, sempre tocou melodias ou farrapos de melodia, ainda que fosse dissonante ou partisse daí para situações do mais decidido atonalismo. Mais: o também antigo elemento dos Curlew e dos Third Person gostava de melodia. Tive o privilégio de o conhecer pessoalmente, em 1994. Acompanhei-o na sua vinda a Portugal para concertos no Porto e em Montemor-o-Velho. Lembro-me do ritual em que tornava o simples, lento e metódico enrolar de cigarros, do entusiasmo com que falava das suas horas diárias de natação, da fidelidade dedicada diariamente ao jornal *Libération*. Pequenas coisas que definem uma personalidade. Não esqueço, também, a noite portuense em que bebemos absinto e falámos de poesia surrealista. Tom Cora era o mais europeu — o mais francês, até (viviu em Nice com a cantora Catherine Jauniaux e uma criança adoptada) — dos americanos. Parecia ser tão competitivo quanto os restantes músicos da nova geração nova-iorquina, mas fazia-o com artes de paciência. Era, no entanto, um músico nervoso, caracterizado por repentes e mudanças de humor. Como eu gosto de dizer, era um músico "angular". Tudo isso ele transmitia para o violoncelo, tocado a "seco", acústico, ou ligado a processadores electrónicos que utilizava com discricção. Alto e muito magro, excessivamente até, sentado sobre um banco de piano com o seu instrumento entre as pernas, parecia um ganhoto na vertical. Uma cnda de bom humor invadia a plateia logo que se preparava para o assalto — talvez porque Tom Cora parecia tudo menos um violoncelista, com o seu ar "grunge" de meia idade. A música, pujante e histriónica, cumpria o resto. Agora, o violoncelo está mudo e sozinho sobre o palco. A morte é a pior inimiga da música, essa é que é a verdade. Rui Eduardo Paes

↳ **MARTIN DASKE** *Der Stein* Associada à prestigiada Wergo, a estreante ZKM dedica-se a editar a produção do Instituto de música e acústica integrado no Zentrum für Kunst und Medientechnologie de Karlsruhe. Para isso são convidados artistas de todo o mundo, que desenvolvem projectos nos seus estúdios. No caso de Martin Daske (nascido em 1962 em Berlim e actualmente a viver na Bélgica), a peça editada resulta da montagem de um puzzle de memórias sonoras com os discursos inspirados nos vários povos que povoam a sua vida. Formado por Christian Wolff e Boguslaw Schaeffer, o compositor revela-se especialmente dividido entre a composição clássica (música de câmara, tape music) e as suas investigações em notação tridimensional (*Jolianten*). O disco apresenta-nos uma peça de 1991 em que a dramaturgia (numa linha não muito longe da conhecida via Heiner Müller) tem papel preponderante. Nele, as memórias de um viajante (o compositor) são revividas nas vários ambientes sonoros e discursos dos povos-personagens que povoam esse passado, por vezes apenas imaginado. Roberto Cornea da Costa dá voz a Portugal... (CD ZKM/Wergo)

↳ **ANABELA DUARTE, PAULO DA COSTA DOMINGOS & HELDER MOURA PEREIRA** *O Horizonte Basta (Of Horizon Enough)* Anabela lê Helder Moura Pereira e Paulo da Costa Domingos de modo basto criativo. (Mau grado a qualidade da gravação...), o espectáculo de poesia sonora inicia-se por cinco

poemas de Moura Pereira, em que a intérprete recita simplesmente a primeira poesia, seguindo vocalizos mouriscos de um fado essencial, ao segundo poema, arrastando-se a voz em trémulos no terceiro, como se cantasse pop, ao quarto, finalizando em ofegante declamação — exemplo a exemplo. De realçar ainda a interpretação descoberta em *Pouca Terra*, recriada como onomatopela de um comboio em andamento. Estranhamente, depois, não parece tão boa a sua leitura de Costa Domingos, entre o excelente momento inicial do grito — de que pássaro?, para os fonemas [i r], e o remate na duplicação da voz, pelo eco. Tal aparente menoridade dever-se-á ao facto da poesia de Costa Domingos ser ela-mesma portadora de relações múltiplas, ao espaço indizível. (LIVRO+CD Frenesi)

↳ **FAUST Faust IV** Sobre o notável passado dos Faust já quase tudo foi dito (ou escrito, especialmente por Fernando Magalhães). Porquê, então, analisar este disco de 1973, reeditado nove anos depois e agora de novo disponível entre nós? Pela sua actualidade, sem dúvida! O grupo foi fundado em 1971 e *Faust IV* (o seu quarto álbum) seguiu-se a *Faust*, *Faust So Far* e *The Faust Tapes*. O disco abre com o longo e inventivo tema *Krautrock*, composto por ruído electrónico sobre ritmos hipnóticos, numa aproximação à música que compositores contemporâneos como Tony Conrad e John Cage vinham desenvolvendo, seguindo-se sete outros temas com abordagens diversas (geralmente mais na linha dos Henry Cow ou This Heat). Apesar de *Faust IV* não ser tão vanguardista como os trabalhos que o grupo primeiramente produziu, nem tão radical como os que mais tarde se lhe seguiriam, ele constitui um capítulo essencial na discografia deste grupo ainda bem vivo. E mesmo para quem ainda anda à procura no passado de "novos" valores, ou novas sensações, este disco poderá ser o mais adequado para aceder a uma música tão pouco convencional. (CD Virgin)

↳ **BEN GOLDBERG** *Eight Phrases For Jefferson Rubin* Ben Goldberg integrou o projecto Masada e lidera o New Klezmer Trio, formação dedicada à renovação da música de tradição judaica. Possui também uma obra digna de admiração, com destaque para *Masks and Faces*, *Junk Genius* e, mais recentemente, *Twelve Minor*. O novo disco do clarinetista norte-americano surge agora como o natural desenvolvimento da obra mais recente, encomendada por John Zorn para a editora japonesa Avant. Acompanhado em estúdio pelos contrabaixistas Trevor Dunn e L.S. Ellis, o saxofonista Larry Ochs, o baterista Michael Sarin e o guitarrista John Schott, Goldberg dedicou as oito peças gravadas ao seu amigo escultor Jefferson Rubin. A música é calma, fluida e rica em pormenores e texturas, confirmando a beleza e qualidade da produção deste sexteto de inegável talento. (CD Victo)

↳ **HUGH HOPPER & KRAMER** *Huge* Este álbum gravado em New Jersey no ano de 1995 e editado primeiramente pela independente Shimmy-Disc junta dois músicos importantes num projecto de importância menor mas, mesmo assim, a merecer alguma atenção. De facto a música que encontramos ao longo das dez faixas de *Huge* não é aquela a que Mark Kramer ou o baixista dos Soft Machine nos habituaram. Aqui, ladeados pela discreta mas eficiente bateria de Damon Krukowski, os terrenos que pisam são bastante menos aventureiros do que é habitual e quase exageradamente ambientais. Como não poderia deixar de ser, o típico baixo de Hopper está presente, mas como se um carro blindado vagarosamente lhe tivesse passado por cima, portanto sem volume e quase sem expressão. Kramer saltou para o piano, o órgão e o

"emulador", mas é essencialmente na utilização de gravações de voz (com efeitos que vagamente nos lembram *My Life In The Bush Of Ghosts*) que reside a sua maior notoriedade. E apesar de o disco ser quase completamente instrumental, o resultado geral é agradável, por vezes mesmo interessante, mas certamente fará mais o agrado de quem ainda procura música sem grandes complicações... (CD Knitting Factory Works)

↳ **ICH SCHWITZE NIE** *Träume Der Sehnsucht, Lockender Rhythmus* Procedentes da Alemanha, país onde a música clássica detém uma notável admiração popular, não estranharíamos se estes três jovens músicos (Nicholas Bussmann, Hanno Leichtmann e Lars Rudolph) possuíssem formação musical académica. Mas na sua obra também se nota que eles se deixam atrair pela melodia de Berlim ou pelo ritmo de Colónia. Se as suas especializações instrumentais se limitam ao trompete, guitarra acústica, violoncelo e percussão, já sua imaginação e capacidade de a concretizar nos leva muito mais longe. O título (em português "sonhos de saudade, ritmo sedutor") justifica bem a electrónica que usam como ornamento de citações de música de câmara, "lied" e jazz. "Eu nunca transpiro" (uma tradução possível para o estranho nome do grupo) adverte-nos possivelmente que o uso do ritmo tem intencionalmente os seus limites. Ainda que por vezes nos apeteça acompanhá-lo com o bater do pé, é de facto nas franjas do abismo que esta bela música acontece e verdadeiramente nos seduz. (CD Review/No Man's Land)

↳ **MASAOKA ORCHESTRA** *What Is The Difference Between Stripping And Playing The Violin?* Miya Masaoka lidera uma orquestra com dezasseis variedades de instrumentos, distribuídos por duas dúzias de instrumentistas. A ideia primordial da compositora foi criar um ensemble intercultural (no sentido de integrar músicos de diversas raças, cada qual portador das suas culturas, instrumentos e métodos de "ataque" à composição). Daí surgiram orientações complementares, incluindo uma aproximação à electrónica e ao multimédia, a que correspondeu uma formação híbrida e inigualável. Mas Masaoka não se deixou ficar pela potencialidade alcançada e, inspirada no métodos do seu mestre japonês de Gagaku e na doçura dos movimentos Tai Chi, desenvolveu e aplicou ainda técnicas invulgares e exóticas à composição, à improvisação e à própria direcção da sua orquestra. O disco abre com *24,000 Years Is Forever* (um alerta para a ameaça nuclear que durante a II Guerra Mundial atingiu a sua família em Hiroshima e continua hoje a pairar sobre todos nós) e conclui com o tema-título (que alude especialmente à exploração sexual das minorias étnicas na indústria pornográfica de San Francisco). Um disco para ouvir e apreciar, sem as mínimas reticências. (CD Victo)

↳ **MOTOR TOTEMIST GUILD** *Archive One e Archive Two* Dois álbuns essenciais, que se completam: o primeiro inclui dez temas de *Infra Dig* (1984) e os cinco de *Contact With Veils* (1986); o segundo reúne seis temas de *Shapuno Zoo* (1988), um de *A Luigi Futi* (1989) e quatro de *Klang* (1985). Mas para quem não conheça ainda a música do grupo dirigido por James Grigsby, refira-se que ele próprio a define como "electric chamber music", com influências de Henry Cow, Frank Zappa, Ornette Coleman, Edgar Varèse, Olivier Messiaen, György Ligeti, Conlon Nancarrow e de música tradicional de Bali. Movidos pela liberdade da improvisação, as peças inscrevem-se nas linguagens avançadas da música contemporânea, podendo fazer par com os primeiros trabalhos dos Penguin Cafe Orchestra, Art Zoyd ou Univers Zero. Está tudo dito?... (ambos CD Review/No Man's Land)